

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “LITERATURA TÉCNICA E DIDÁTICA NA ANTIGUIDADE”

Vários dos textos publicados neste dossiê¹ resultam de reescrita dos trabalhos originalmente apresentados no evento “Primeiro Ciclo de Palestras do Grupo ‘Tradução e Estudo da Literatura Técnica e Didática Romana’”,² que ocorreu virtualmente na Faculdade de Letras da UFMG em 19 e 20 de abril de 2022, sob minha organização e do prof. Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão. Tratou-se, portanto, de uma iniciativa acolhida pelo “Núcleo de Estudos Antigos e Medievais”/NEAM da FALE/FAFICH-UFMG, como uma de suas ações extensionistas no âmbito da difusão das Culturas e Literaturas Clássicas.

Sobre o “Grupo” supracitado – ver “Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.” –,³ trata-se de uma reunião de pesquisadores-docentes oriundos de distintas Universidades brasileiras (UFMG, Unicamp, USP, UFU, UFERSA, UFES e UNESP), cujo interesse comum de pesquisa é a produção dos tratadistas romanos de diferentes temas, sobretudo o agrário, bem como os chamados “poemas didáticos” da Literatura latina (com obras como o *De rerum natura* de Lucrécio; as *Geórgicas* de Virgílio; a *erotodidaxis* de Ovídio, entre outras). Além da exploração desses dois tipos de obras de maneira crítico-analítica – como exemplificam alguns trabalhos publicados neste dossiê –, seus membros também têm se dedicado sobretudo à tradução de textos dos “agrônomos” romanos.

Semelhante interesse é justificado na medida em que, considerando a produção tratadística em Roma – por vezes enraizada em escritos pregressos de autores gregos como Aristóteles, Teofrasto e Xenofonte de Atenas –, abunda o número de obras e a qualidade de sua escrita, ou elaboração literária. Poderíamos, neste sentido, dizer que em âmbito “agrônômico” os latinos encontraram fértil veio compositivo, do pioneirismo de Catão, o Velho (com o manual *De agri cultura*, publicado no séc. II a.C.), até as iniciativas de Varrão,

¹ Participaram ativamente da organização deste dossiê, por meio do agenciamento dos textos no Sistema de *Phaos*, precisas correções e atentos contatos com os autores, também os profs. Paulo Sérgio de Vasconcellos e Marcos Aurelio Pereira (ambos do IEL-Unicamp), aos quais agradecemos pela inestimável atenção e auxílio. Os artigos estão dispostos, nesta parte da revista, pelo critério aproximadamente cronológico, dos objetos de estudo mais para aqueles menos antigos.

² Este é o caso dos trabalhos de Gilson José dos Santos, Júlia Batista Castilho de Avellar, Liebert de Abreu Muniz, Marcelo Vieira Fernandes, Matheus Trevizam e Robson Tadeu Cesila.

³ < <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3171429130797129> > acesso em 09-10-2022.

Columela (autores cada qual de um tratado de nome *De re rustica* – séc. I a.C. e I d.C.) e Paládio (*Opus agriculturae*, séc. IV-V d.C.).

Por sua vez, a dita “poesia didática antiga”, com origens na produção arcaica de Hesíodo de Ascra (*Os trabalhos e os dias*, séc. VII a.C.) e que se tem geralmente considerado como espécie da épica, parece ter adentrado Roma pelos *Hedyphagetica* de Ênio (séc. III-II a.C.), mas ganhado verdadeiro impulso por meio da escrita do *De rerum natura* lucreciano (séc. I a.C.). De fato, seguem-se a esse poema epicurista as agrárias *Geórgicas* de Virgílio (séc. I a.C.), os ovidianos *Ars amatoria*, *Remedia amoris* e *Medicamina faciei femineae* (inícios do séc. I d.C.), já com mesclas de recursos elegíacos ao didatismo, o poema “De cultu hortorum”, que na verdade constitui o décimo livro do tratado columeliano aludido, o *Cynegeticon* do obscuro *Grattius Faliscus*, poeta contemporâneo de Ovídio.

Passando aos artigos do dossiê em pauta, que à sua maneira contemplam obras enraizadas em uma ou outra das duas grandes matrizes compositivas citadas (em âmbito greco-romano), percorremos deste ponto os principais temas de cada contribuição, seguindo a ordem em que aparecem neste volume de *Phaos*.

Primeiro, Alessandro Rolim de Moura (docente do DEPAAC-UFPR) explora a presença combinada de elementos bucólicos e didáticos no “Idílio 10” de Teócrito (séc. IV-III a.C.). Como demonstra o estudioso, o didatismo literário é incorporado a esse texto por meio de citações a *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, de forma que tais reminiscências se fazem presentes tanto no canto de Buceu, um pastor apaixonado, quanto na elocução cabível a Mílon, figura de homem centrado no trabalho e pouco afeito a transbordamentos sentimentais. Assim, parece pairar aqui alguma ironia sobre as efusões bucólico-amorosas de Buceu, mas sem a assimilação dessa “voz” ao próprio Teócrito nem o pleno estranhamento entre as poéticas hesiódica e do bucolismo.

Em segundo lugar, Hélène Casanova-Robin (docente da Un. Paris IV – Sorbonne – e Institut Universitaire de France) se debruça sobre os mecanismos sonoros e imagéticos de que Lucrecio se vale a fim de exprimir, no *De rerum natura*, algo paradoxal: o surgimento da vida a partir de átomos inanimados. Nesse percurso, o poeta procura inclusive aproximar por analogias o caráter abstrato das explicações oferecidas de elementos “concretos” do texto (como a disposição das letras em seus versos) e servir-se de metáforas oriundas do plano da animalidade.

Remetendo-nos depois ao artigo de Liebert de Abreu Muniz (docente do CLH-UFERSA, Caraúbas/RN), nele o autor recorre a dados textuais extraídos das próprias *Geórgicas* de Virgílio e de consagrados estudos críticos para comentar aspectos de fundamental importância na constituição de sentidos dessa obra. Esses aspectos dizem respeito, por exemplo, ao fato de que o rico fundo de reminiscências literárias, culturais e filosóficas a perpassar

esse poema contribui para furta a significação do texto ao nível das questões meramente técnicas, tornando-o um meio de dramatização da existência humana por meio da Natureza.

A contribuição seguinte, de Júlia Batista Castilho de Avellar (docente do ILEEL-UFU, Uberlândia/MG) adota procedimento de leitura “autotextual”, ou seja, envolvendo a retomada de conteúdos amorosos ovidianos da *Ars amatoria* nas *Epistulae Heroidum* e *Metamorphoseon libri* do próprio Ovídio. Desse modo, a alusão a mitos já desenvolvidos na *Ars* – Mirra, BÍblis, Pasífae – em *Metamorphoseon* transforma-se em oportunidade de o poeta reler a própria obra. Por outro lado, o entendimento em sentido distinto também poderia ocorrer, pois, como explica a autora, alguns dos tópicos galantes advindos da *erotodidáxis* parecem incorporados à vida amorosa das heroínas futuras (a exemplo de Cànace das *Epistulae*), como se elas mesmas se tornassem leitoras/intérpretes de Ovídio.

O quinto artigo contemplado na coletânea tem como autor Marcelo Vieira Fernandes (docente da FFLCH-USP) e explora uma figura das menos conhecidas entre os poetas didáticos antigos. Assim, divisamos aqui o desenvolvimento de ideias a respeito da negociação complexa entre requinte poético e informatividade astronômico-matemática – mais ou menos acurada, a depender da passagem sob exame – na obra de Marco Manílio (séc. I d.C.). Tudo se passa, na obra maniliana, como se o poeta necessitasse aderir ao rigor expositivo inerente à matéria e, ao mesmo tempo, dar vazão ao próprio engenho poético, por vezes sacrificando um pouco da precisão da doutrina.

Gilson José dos Santos (docente do ILEEL-UFU), no artigo intitulado “A enfermidade das abelhas em Columela e em Virgílio”, adota abordagem comparativa entre trechos sobre a apicultura, presentes tanto no livro IX do tratado *De re rustica* quanto no livro IV das virgilianas *Geórgicas*. Como esclarece o autor, existem profundas diferenças linguístico-literárias no tratamento do “mesmo” tema pelo tratadista da Era neroniana (segunda metade do séc. I d.C.) e o poeta didático citado, fazendo com que Virgílio, por exemplo, antropomorfe ou até atribua colorações épico-homéricas às suas abelhas, enquanto Columela, sem descurar a escrita da própria obra, mostra-se sobretudo informativo e técnico a respeito do assunto.

Por sua vez, Robson Tadeu Cesila (professor de Língua e Literatura latina da FFLCH-USP) focaliza seus comentários no livro XII desse monumental tratado agrícola de Columela, o qual tem como tema os importantes deveres da *uillica* – companheira do capataz do *fundus rusticus* romano – no contexto da economia doméstica e, ainda, produtiva antiga. Além de descrever a atuação dessa figura feminina no *fundus*, o crítico estabeleceu elos pontuais entre a produção técnico-literária de Columela e outros tratados antigos, a exemplo do *Econômico* de Xenofonte de Atenas (séc. V-IV a.C.) e do manual chamado *De agri cultura*, que se atribui a Catão, o Velho (séc. III-II a.C.). Por

fim, a parte final do artigo analisa com vários exemplos de estruturas frasais e/ou vocabulário o aspecto elocutório do livro XII do *De re rustica* columeliano, concluindo que as preocupações literárias não se ausentam dos horizontes deste escritor técnico de Roma.

Em minha contribuição, eu, Matheus Trevizam (docente da FALE-UFMG), exploro as relações e/ou diferenças entre a escrita didático-poética de Virgílio, nas *Geórgicas*, e aquela técnica de Rutilio Tauro Emiliano Paládio, que retoma seus temas agrícolas e, em menor medida, procedimentos de composição no tratado *Opus agriculturae* (séc. IV-V d.C.). Então, em um plano como o lexical, torna-se notório como o vocabulário botânico e sobre a apicultura de Paládio é mais preciso e rico; mas, ao mesmo tempo, as “imprecisões” de Virgílio – devidas, inclusive, ao emprego de metonímias, metáforas etc. – permitem ao poeta expandir os sentidos de sua obra para além daqueles da ruralidade e deleitar o leitor.

Em seu artigo, Fábio da Silva Fortes (docente da UFJF) investiga a questão complexa das fontes da *Ars Prisciani* (“Tratado de Prisciano”), gramático latino que viveu e produziu durante o séc. VI d.C., na parte oriental do Império romano. Assim, já por esta sua situação geográfica e temporal Prisciano se situa num ponto de transição entre a Antiguidade e a Idade Média, o Ocidente e o Oriente. O aspecto mais central das colocações de Fortes a respeito da mesma obra técnica passa, através do exame direto da *Ars* referida, bem como das obras de Apolônio Díscolo (séc. II a.C.) e Élio Donato (séc. IV) d.C., por comprovar que o gramático grego citado não é a única “base” teórica da *Ars Prisciani*; que essa não o incorpora de modo acrítico; que o tratado de Prisciano também não deve ser entendido como “oposição” fechada às ideias de Donato.

A significativa variedade de temas, importantes autores e obras antigas que os artigos deste dossiê recobrem constitui prova eloquente da vivacidade e importância dos escritos técnicos e didáticos durante a Antiguidade Clássica. Nesse sentido, as obras inseridas em uma e outra tipologia merecem ser mais revisitadas e conhecidas por aqueles que não pretendam, do mundo antigo, dispor sempre das mesmas (e previsíveis) referências.

Matheus Trevizam
(professor de Língua e Literatura latina na FALE-UFMG)